

## Nós *versus* Eles: Construção do “Eu” e do “Outro” nos Discursos de Lula e Bolsonaro<sup>1</sup>

Tânia Márcia César HOFF<sup>2</sup>

Lucas L. FRAGA<sup>3</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo/SP

### Resumo

Abordamos, neste artigo<sup>4</sup>, o populismo como uma lógica de construção política, em especial o modo como o ex-presidente Lula e o presidente Bolsonaro mobilizaram, em seus pronunciamentos de posse, uma “significação de mundo” que construiu sentidos em torno do “Eu” e do “Outro”. Os referidos atos de fala, que revelam posições políticas distintas, constituem o *corpus* a ser investigado. Nosso objetivo é analisar a produção de sentidos nestes pronunciamentos, observando as estratégias argumentativas à luz do conceito de populismo (LACLAU, 2013). Tendo como conduta teórica a Análise Crítica de Discurso, concebemos discurso político como uma prática social dos múltiplos participantes dos processos políticos (VAN DIJK, 1997). Quanto aos resultados, percebemos que há níveis de manipulação presentes nos dois pronunciamentos, embora com significativas diferenças.

**Palavras-chave:** Estratégias Discursivas; Populismo; Análise Crítica de Discurso; Lula; Bolsonaro.

### Introdução

No dia 1º de janeiro de 2007, Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores e identificado com a “esquerda” política, subiu ao parlatório do Congresso Nacional, após ter sido reeleito Presidente da República com mais de 60% dos votos válidos, para fazer seu pronunciamento de posse<sup>5</sup>. Apenas doze anos depois, em 2019, Jair

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora pela FFLCH-USP, docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Discursos e biopolíticas do consumo. E-mail: [thoff@espm.br](mailto:thoff@espm.br).

<sup>3</sup> Mestrando em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP. Membro do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo”. Bolsista CAPES/PROSUP. E-mail: [l.f.lopes@live.com](mailto:l.f.lopes@live.com).

<sup>4</sup> Este artigo consiste num primeiro exercício de análise do discurso político, visando a definição do projeto de pesquisa de mestrado, e traz também o diálogo entre os interesses de pesquisa dos coautores.

<sup>5</sup> Discurso de posse de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u88185.shtml>>. Acesso em 29/03/2019.

Bolsonaro, do Partido Social-Liberal, militar e identificado com a “direita” nacional, assume a mesma tribuna<sup>6</sup>, após ter sido eleito com 55% dos votos válidos.

Os pronunciamentos dos mencionados presidentes, que representam posições políticas distintas, constituem o *corpus* a ser investigado neste artigo, pois em ambos nota-se o emprego de uma mesma estratégia argumentativa em torno de uma dinâmica “Nós vs Eles”. Nosso propósito, aqui, é analisar esta estratégia no discurso político, observando como estes presidentes mobilizaram, em seus pronunciamentos, uma “significação de mundo” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91) que construiu sentidos em torno do “Eu” e do “Outro”. Para tanto, temos como principal conduta teórica a Análise Crítica do Discurso (ACD), pela qual concebemos o discurso como uma prática social construtora de sentidos, e o discurso político como um evento comunicativo praticado pelos múltiplos participantes dos processos políticos (VAN DIJK, 1997).

Para analisar a produção de sentidos em cada um dos pronunciamentos em questão, observaremos suas estratégias argumentativas à luz do conceito de populismo, conforme Laclau (2013). Segundo o autor, o populismo “não é uma ideologia, mas um modo de construir o político” (LACLAU, 2013, p. 28), essência desta própria atividade. É “um processo eminentemente político de construção de identidades coletivas, marcado pela centralidade da ideia de povo” (idem, p. 12), que opera com duas “pré-condições”: “(1) a formação de uma fronteira antagonista interna separando o ‘povo’ do poder; e (2) uma articulação equivalente das demandas, que possibilitam a emergência do “povo” (idem, p. 124).

Ainda para Laclau (2013), a lógica populista cria um movimento de construção discursiva de identidades coletivas em oposição – o povo e seu inimigo, ou o “Eu” e o “Outro”. Ela se dá, portanto, pela existência destes significantes vazios (Povo, Inimigo), de forma que será pertinente ao indivíduo político, qualquer que seja o governo, a produção de um significado que dará sentido a estes significantes em determinado contexto social: todo governo tende a “homogeneizar um espaço social, essencialmente heterogêneo, vago e impreciso” (LACLAU, 2013, p. 15).

---

<sup>6</sup> De onde pronunciou seu discurso de posse, em 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-dos-dois-primeiros-discursos-do-presidente-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 07/04/2019.

Nesta perspectiva, faremos, neste artigo, a confluência de um exercício de análise de discurso, utilizando-se de alguns procedimentos da ACD (que tem as estruturas de poder da sociedade como ponto de atenção), ao mesmo tempo em que lançamos mão de alguns aspectos do pensamento de Laclau. Se a ACD nos permite analisar os pronunciamentos de modo a descortinar alguns aspectos da produção de sentido em dois momentos recentes da política brasileira, a proposição de Laclau nos auxilia a problematizar, no nível teórico, a construção discursiva identificada a partir da lógica populista de distanciamento entre Nós e Eles. Esta composição teórica mostra-se fértil para o atual debate sobre o contexto político brasileiro, na busca de vislumbrar outros caminhos de análise para além das polarizações entre “direita” e “esquerda”.

Esta abordagem busca compreender, portanto, aquilo que é essência da construção política, sua lógica existencial, considerando que “não há estruturas fixas que estabeleçam de forma definitiva a significação, mas apenas estruturações e reestruturações discursivas” (LACLAU, 2013, p.10). Deste modo, a compreensão do populismo está associada à produção discursiva constituída nas relações dos sujeitos em determinado espaço social, instância na qual emerge a demanda social, “uma unidade mínima a ser considerada para a ocorrência de uma experiência política, entre elas a experiência populista” (idem, p. 14). As demandas sociais estão associadas à noção de hegemonia, pois “a operação hegemônica ocorre quando uma das demandas articuladas, num dado momento, passa a representar o discurso popular” (idem, p.14).

Nos itens que se seguem, dedicamos nossa atenção ao “macronível” do discurso (VAN DIJK, 2017), quando abordamos o discurso como instância social, problematizando o movimento de formação de certas representações sociais partilhadas no contexto político nacional. Em seguida, procedemos à análise do “micronível” (idem, 2017), quando nos dedicamos a procedimentos específicos presentes na estratégia “Nós vs Eles” em cada pronunciamento.

### **Macronível Discursivo: Breves Considerações sobre o Discurso**

Quando falamos em discurso, referimo-nos a um fenômeno de significado amplo, construído num determinado contexto sócio-histórico, e que não pode ser confundido com um objeto verbal isolado – um pronunciamento, um texto redigido etc. O discurso é, pois,

“uma prática social ou um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (VAN DIJK, 2017, p. 12). Logo, há uma relação entre as práticas discursivas e as estruturas sociais e culturais de uma comunidade: por ser ato social, o discurso atua no interior de uma sociedade, atravessando-a e contribuindo na construção de representações sociais, de sentidos comuns e dados-por-certo.

Neste prisma, a Análise Crítica do Discurso (ACD) investiga o discurso socialmente inserido, atentando para “questões e problemas sociais, da desigualdade social, da dominação e de fenômenos relacionados” à prática discursiva (VAN DIJK, 2017, p. 15). Ou seja, a ACD busca analisar os discursos em seu micronível (os pronunciamentos, os atos de fala, de escrita etc.) e relacioná-los a um macronível de análise (as estruturas de poder da sociedade), construindo “uma ponte que preencha a bem conhecida ‘lacuna’” entre estas duas instâncias (idem, p. 116).

Esta abordagem relacional se desdobra sobre um objeto bem específico: a reprodução discursiva da dominação e do abuso de poder. A prática discursiva que interessa à ACD é aquela que reproduz, legitima e reforça a dominação social, pois o abuso do poder reside no controle que alguns grupos mais poderosos (que têm mais domínio sobre as formas de acesso e controle do discurso) visam exercer sobre outros grupos da sociedade.

A escolha dessa abordagem não pressupõe uma tomada de posição prévia a respeito do objeto de análise, como querem alguns críticos da ACD. Significa, tão somente, que percebemos em nossos pronunciamentos-objeto um *indicativo* de relação desigual de poder entre seus interlocutores, que pode ter contribuído para o reforço desta dominação social (ainda que sem o conhecimento dos falantes).

Há, na ACD, duas noções fundamentais: (1) a de “manipulação”, uma vez que a reprodução discursiva da dominação social e do abuso de poder geralmente está contida no interior de um discurso manipulador, “parcial”, em que não há informações capazes de gerar conhecimentos capazes de formar criticamente os interlocutores (VAN DIJK, 2017). Na manipulação, os interlocutores não têm amplo acesso às informações, o que permite que sejam conduzidos conforme certos interesses de grupos; e (2) a de “cognição”, que diz respeito aos processos inscritos numa estrutura mental que chamamos de “memória”, formada, entre outras instâncias, por nossas experiências pessoais (a “memória episódica”) e por conhecimentos mais gerais (a “memória social”).

Esta “memória social”, para van Dijk, “[...] é constituída por uma base comum de crenças socioculturais, caracterizada por conhecimentos e opiniões culturais geralmente partilhados” (VAN DIJK, 2007, p. 203) – que incluem tanto o “senso comum”, partilhado socialmente, quanto alguns “conhecimentos de grupo”, concebidos no interior de círculos de sociabilidade (comunidades religiosas, partidos políticos etc.).

A relação entre a manipulação e a cognição se dá pelo fato de que o discurso manipulador mobiliza “representações sociais compartilhadas por grupos de pessoas, tendo em vista que essas crenças (...) controlam o que as pessoas fazem e dizem em muitas situações” (idem, p. 247). Atos discursivos manipuladores contém, assim, estratégias argumentativas que atuam na formação de sentidos comuns e de conhecimentos partilhados (a “memória social”, parte formadora das cognições).

Um exemplo trazido pelo autor diz respeito ao ataque de 11 de setembro, nos EUA. Após a tragédia, os indivíduos estavam carregados de emoções; suas “memórias episódicas”, portanto, estavam influenciadas por este evento emotivo que teve lugar no curso de suas vidas. Embora cada cidadão certamente possuísse sua opinião sobre o ocorrido, havia um sentimento generalizado de medo e incertezas. Na ocasião, os discursos que perpassaram a sociedade norte-americana trabalharam sobre estes medos individuais, direcionando-os a um inimigo em comum, discursivamente construído, que ganhou nome (muçulmanos) e características socialmente partilhadas (agressividade, antiamericanismo). As opiniões pessoais não foram controladas, no sentido “funcionalista” da palavra, mas havia agora alguns “conhecimentos” (sobre o terrorismo, o Islã, os povos árabes etc.) que poderiam fundamentá-las. Como resultado, vimos orçamentos militares sendo aumentados, uma intervenção nacional aprovada e diversas leis com restrições às liberdades (como o *Patriotic Act*) sendo recebidas com amplo apoio popular, à medida em que cidadãos foram discursivamente manipulados para acreditar que todas estas medidas visavam sua segurança diante da ameaça do “Outro”.

Para van Dijk, este fato pode ser explicado porque:

Se os receptores leem ou escutam muitos discursos semelhantes de políticos ou da mídia e não têm informações alternativas concorrentes, tais modelos (as crenças pessoais do falante) podem, por sua vez, ser generalizados para representações

abstratas e socialmente partilhadas sobre, por exemplo (...), os preconceitos étnicos e as ideologias nacionalistas ou racistas (VAN DIJK, 2017, p. 207).

Não queremos, com isso, atestar uma visão ultrapassada acerca dos discursos como controladores de massas acríticas e acéfalas, pois, na interlocução discursiva, ocorrem diversas ressignificações que fogem ao controle deste ou daquele grupo. Nenhum discurso é unânime, tanto por conta da capacidade crítica dos receptores, quanto pela existência de discursos contrários ou contra-hegemônicos que circulam no interior de determinados círculos de sociabilidade. Além disto, muitas vezes um discurso manipulador é reproduzido sem que seu falante compreenda os níveis de manipulação em sua fala.

Porém, a circulação de textos nos quais se materializam os discursos, penetrando nas esferas sociais pela capilaridade das redes digitais e pessoais de sociabilidade, pode contribuir (em maior ou menor grau) para a formação dos estados mentais de uma ampla gama de indivíduos – tantos quantos não tenham acesso a informações robustas para avaliarem criticamente a mensagem recebida. Ao circularem reiteradamente no interior de determinadas “bolhas sociais”, os discursos manipuladores obstam o acesso ao amplo conhecimento, e logo são elevados ao *status* de conhecimentos gerais socialmente partilhados, ou pelo menos a “conhecimentos de grupo” – formadores, portanto, das cognições.

Neste trabalho, como dissemos, estamos interessados no discurso *político manipulador*, que incide sobre as cognições e legitima a dominação social e o abuso de poder, e é construído em torno da lógica populista de “Nós vs Eles”. Quanto a isso, porém, precisamos fazer a ressalva de que esta razão populista, por si só, não necessariamente pressupõe um discurso manipulador, ou uma reprodução discursiva da dominação. Em verdade, esta somente se configura quando um grupo político, que detém maior acesso e controle do discurso, exerce este poder na propagação de discursos manipuladores, usando as estratégias populistas de “Nós vs Eles” para legitimar e reforçar sua dominação sobre os grupos menos poderosos. O discurso político manipulador abusa de seu poder para fazer os eleitores “acreditarem ou fazerem coisas que são do interesse do manipulador, e contra os interesses dos manipulados” (VAN DIJK, 2017, p. 234).

Portanto, o ponto decisivo na identificação do discurso político manipulador não é a capacidade (legítima) de persuadir eleitores, mas a manipulação em fazê-los tomar decisões que não lhes favorecem propriamente. Um discurso político manipula quando leva os eleitores a acreditarem que a solução de suas demandas está em medidas que lhes prejudicam, ou que pelo menos que não lhes favoreçam totalmente – como na aprovação de leis antiterroristas que restringem direitos civis, ou no direcionamento das insatisfações a determinados grupos (a “esquerda”, a “direita”, a população LGBTQ etc.), como se a “vitória” sobre estes “inimigos” representasse o fim dos problemas da comunidade.

Ancorados nestes pressupostos teóricos, entendemos que há *níveis* de manipulação em todo discurso político, pois a formatação argumentativa em torno de “Nós vs Eles” acaba movendo os eleitores (ainda que, como já afirmamos, sem o desejo expresso do falante do discurso) a demandas “simplificadas”, que não correspondem à complexidade dos muitos problemas sociais. No apelo e na exaltação de “Nós” em detrimento do “Outro”, o discurso político populista manipula, pelo menos em algum nível, seus interlocutores a tomarem atitudes (de voto, de apoio etc.) que não resolverão a totalidade de suas demandas.

A seguir, desenvolvemos a análise dos pronunciamentos de Lula e de Bolsonaro no micronível (suas estratégias retóricas, suas escolhas lexicais etc.), dedicando atenção à “estratégia global de autoapresentação positiva e outra-apresentação negativa” (VAN DIJK, 2017, p. 252), na atribuição de sentidos ao “Eu” e ao “Outro”. Esta estratégia é conduzida por meio de algumas ferramentas discursivas, dentre as quais focaremos em três: a lexicalização, quando os discursos dedicam palavras positivas de exaltação do “Eu” em contraponto aos termos negativos referentes ao “Outro” (p. 136); os instrumentos retóricos (metáforas, hipérboles etc.), que realçam as diferenças entre “Nós” e “Eles” (p. 137); e a “autoexaltação nacionalista” (p. 186), o uso de símbolos nacionais para fortalecer o embate com um “inimigo” (p. 186).

### **Lula, “Nós” e o “Outro”**

A reeleição de Lula à Presidência da República, em 2006, foi conquistada após um longo percurso de produção de sentidos. O petista havia chegado ao poder em 2002 impulsionado por um discurso da mudança (ALMEIDA, 2003), identificado com a causa trabalhadora. Entretanto, embora como Presidente da República tenha assumido uma

posição de poder e “elite”, manteve-se discursivamente afastado da “velha política elitista” – o “Outro” lado de sua relação “Nós vs Eles” (CAZARIN, 2003).

Esta contradição – ser governo e, ao mesmo tempo, criticar a elite política – cria condições para a lógica populista em seu discurso. No pronunciamento de posse em 2007, Lula demarca a diferença entre a “elite” brasileira e seu governo, aproximando-se do “povo” – categoria que, neste discurso, foi discursivamente preenchida de significados bem próprios.

No quadro abaixo, apresentamos fragmentos que revelam construção dos sentidos em torno do “Eu” e do “Outro” no pronunciamento de Lula:

Quadro 1: Trechos retirados do pronunciamento de posse de Lula em 2007<sup>7</sup>

NÓS	ELES
<p style="text-align: center;"><b>Identificação com o Povo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Nós” (o povo) construímos essa democracia (linha 8);</li> <li>• “Nós” (o povo) temos o Palácio do Planalto (linha 36);</li> <li>• “Nós” ouvimos o povo (linha 47);</li> <li>• “Nós” somos a “mãe dos mais necessitados” (linha 85).</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>Processo de Mudança:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Nós” vamos resolver o problema das “décadas e décadas de dívida social” (linha 55);</li> <li>• Os “Nossos” “próximos quatro anos serão (...) de muito trabalho” (linha 68).</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Velha Política:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eles” não são democratas (linha 8);</li> <li>• “Eles” não dão ao povo o acesso ao Palácio (linha 38);</li> <li>• “Eles” não ouvem o povo (linha 50);</li> <li>• “Eles” são a (velha) política “onde as coisas emperram” (linha 70);</li> <li>• “Eles” são a (velha) política “de outra época, em que o País crescia e o povo continuava pobre” (linha 93).</li> </ul>

Fonte: Autores.

Conforme indicamos mais acima, os modos pelos quais a relação de “Nós vs Eles” é construída no discurso político, segundo a lógica populista, dá-se por uma estratégia global de autoapresentação positiva vs outro-apresentação negativa (VAN DIJK, 2017), a partir da qual se cria a imagem do “Eu” e do “Outro” pelo distanciamento. Observamos, no pronunciamento de Lula, algumas relações neste sentido: “Nós” construímos a democracia que “Eles” ameaçavam; “Nós” vamos resolver o problema “das décadas de dívida social” que “Eles” criaram; “Nós” vamos fazer a economia crescer, mas não da mesma forma que “Eles”, quando o povo continuava pobre; etc.

<sup>7</sup> Do discurso de posse do Presidente Lula, no Parlatório, em 1º de janeiro de 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u88185.shtml>>. Acesso em: 02/04/2019.

Aqui, a noção de “povo” (ou do “Nós”) é construída por meio de processos discursivos que o colocam em oposição à “elite política”: Lula faz uso da lexicalização positiva (VAN DIJK, 2017) para se referir a “Nós” (“democracia”, “solidariedade”, “companheirismo”), indicando a existência de um “Outro”, por meio de uma lexicalização negativa *indireta* (“antidemocrata”, “não solidário”, “não companheiro”). O uso expresso do termo “povo” é incluído para se referir à “dívida social” ou acompanhado de adjetivos como “sofrido” (linha 29) e “pobreza” (linha 93).

O “povo” em Lula, portanto, construído em oposição à “elite” tradicional, é caracterizado sobretudo em termos econômicos e pelo aspecto da marginalização social. Esta definição também dá sentido ao “inimigo” (LACLAU, 2013). Isto, no entanto, ocorre de maneira indireta, posto que o “Outro” é denominado por meio de generalização – através de noções sociológicas e históricas que enfatizam seu distanciamento do “povo” economicamente fragilizado. O “Outro” é a “política nacional” que não ouve o povo (linha 50); ou então é a política que “engana”, em contraponto ao “povo solidário” que “nunca o enganou” (linha 63). Há, portanto, uma sutileza na apresentação deste “inimigo”: se o povo é “sofrido”, é porque alguém o fez o sofrer; se há “dívidas sociais”, é porque alguém as causou.

Os modos de construção das sentenças também contribuem para esta formação indireta do “Outro”. Assim, por exemplo, se a democracia precisou ser “conquistada” e vai “doer a quem doer” (linha 9), fica implícita a existência de um “inimigo” que não privilegiava a democracia (daí a necessidade de ela ser “conquistada”), e que “sofrerá” as dores de seu fortalecimento. Da mesma maneira, se a população pobre “deveria ter sido tratada” com respeito (linha 81), é porque teria havido um “Outro” indiferente à pobreza (identificado, portanto, com a “elite”).

Nesta mesma lógica de construção discursiva de afastamento entre “povo” e “elite”, os instrumentos retóricos (VAN DIJK, 2017) são utilizados para associar o “Nós” a símbolos de excluídos sociais: os “trabalhadores” (linha 35), aqueles “que vivem nas ruas catando papel” (linha 41), os “negros e índios” (linha 52). Ao mesmo tempo, o “Outro” é referido como associado a figuras que simbolizam a “elite”: “rainhas”, “reis” e “príncipes” (linha 38).

Além dos aspectos retóricos e de lexicalização, outro aspecto encontrado no pronunciamento lulista na construção da estratégia “Nós vs Eles” é a da “autoexaltação nacionalista” (VAN DIJK, 2017), um mecanismo utilizado em Lula para se referir às possibilidades do Brasil e à prosperidade do “povo brasileiro”. A imagem do “Brasil do passado” é construída por meio de lexicalizações com sentidos negativos (“dívida social”, “pobreza”), fazendo o contraponto com lexicalizações positivas do “Brasil do futuro” (“próspero”, “qualidade de vida”), em que “o trabalhador brasileiro” (termo de caráter econômico) viverá “um pouco melhor” (linha 73).

Esta “autoexaltação”, conforme van Dijk (2017), ao mesmo tempo em que insere “Nós” aos valores patrióticos, também serve para rotular o “Outro” como antinacionalista. O trecho abaixo ilustra este conceito:

Aqueles que apostarem no fracasso do Brasil serão derrotados. Aqueles que acreditarem que este País nasceu para ser um país de crescimento inibido, para ser um país de eterno pequeno crescimento, podem começar a se preparar, porque este País vai ter um crescimento vigoroso. Mas não um crescimento como tivemos em outra época, em que o País crescia e o povo continuava pobre [...] (Linhas 90 a 93).

No procedimento de autoexaltação, o “Outro” é indiretamente apresentado (“aqueles”) como quem “aposta” contra o Brasil. Ao reforçar o caráter patriótico de seu programa (que promoverá um “crescimento vigoroso”), o então presidente também sugere que o “Outro” (ou seja, quem se opuser a este programa) também estará se opondo ao crescimento nacional.

A seguir, dedicamo-nos à análise do pronunciamento de Jair Bolsonaro.

### **Jair Bolsonaro e o Novo “Outro”**

É evidente que os fenômenos sociais ocorridos na sociedade brasileira nos anos que se seguiram ao término da “Era Lula” não podem ser traduzidos em análises simplistas. O período em questão foi marcado por diversas situações políticas e sociais, que inundaram a cena nacional. Estes fatos sociais foram lidos sob algumas óticas e tais leituras circularam no tecido social por meio de uma dinâmica discursiva que não é possível abarcar neste artigo.

Nesta profusão de discursos, palavras como “crise”, “corrupção” e “escândalo” ganharam protagonismo na dinâmica discursiva midiática e não midiática na sociedade brasileira. Os discursos “antipolítica” motivavam manifestações em várias cidades do país, e a insatisfação finalmente chegou às eleições municipais de 2016, quando os partidos governistas sofreram dura derrota<sup>8</sup>. Em 2017, 94% dos cidadãos diziam não se sentirem representados pelos políticos em exercício, e 81% afirmavam que o problema não eram os partidos, mas o próprio sistema político nacional<sup>9</sup>.

Neste contexto de insatisfação generalizada, em que demandas sociais acabam sendo aglutinadas numa única (LACLAU, 2013), a nação testemunhou a ascensão da candidatura de Jair Bolsonaro. Identificado com a “direita”, o capitão reformado do exército e então deputado federal construiu sua trajetória numa posição “antissistema” e “antipolítica”. Assim, também utiliza estratégias discursivas na construção de uma relação “Nós vs Eles”, promovendo a caracterização do “Eu” e do “Outro”, embora mobilize ideias bastante distintas daquelas de Lula em seu pronunciamento.

O quadro abaixo enumera aspectos da fala de Bolsonaro em seu pronunciamento de posse, na construção dos sentidos em torno de “Nós” e de “Eles”:

Quadro 2: Trechos do pronunciamento de posse de Bolsonaro em 2019<sup>10</sup>

NÓS	ELES
<p style="text-align: center;"><b>Identificação com o Povo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Nós”: eu, você e nossas famílias (linha 18);</li> <li>• “Nós” não éramos ouvidos (linha 5);</li> <li>• “Nós” vamos “reestabelecer padrões éticos e morais” (linha 19);</li> <li>• “Nós” procuramos o “interesse dos brasileiros em primeiro lugar” (linha 22);</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>Mudança:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Nós” vamos “desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança” (linha 30);</li> <li>• “Nós” vamos “acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais” (linha 32);</li> <li>• “Nós” vamos “retirar o viés ideológico” da</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Velha Política</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eles” (Socialismo): “inversão de valores, gigantismo estatal” (linha 3), “conchavos”, “corrupção” (linha 13);</li> <li>• “Eles” trouxeram “crise econômica, desemprego, ideologização de crianças, desvirtuamento dos direitos humanos, desconstrução da família” (linha 28);</li> <li>• “Eles”: ideologia que “defende bandidos e criminaliza policiais”, que “tira vidas de inocentes e destrói famílias” (linha 30);</li> </ul>

<sup>8</sup> Ver mais em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2016/blog/eleicao-2016-em-numeros/post/em-4-anos-pt-perde-mais-da-metade-das-prefeituras.html>>. Acesso em: 05/04/2019.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/94-dos-eleitores-nao-se-veem-representados-por-politicos/>. Acesso em: 05/04/2019.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/leia-a-integra-dos-dois-primeiros-discursos-do-presidente-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 07/04/2019.

política (linha 41).	
----------------------	--

Fonte: Autores.

Como Lula, Bolsonaro também constrói a dicotomia “Nós vs Eles” por meio da autoapresentação positiva vs outro-apresentação negativa (VAN DIJK, 2017), reiterando sua posição apolítica ao atuar no campo político, em conformidade com a lógica populista: “Nós” vamos acabar com as ideologias destrutivas que “Eles” criaram; “Nós” vamos procurar o interesse dos brasileiros, enquanto “Eles” se importavam apenas com os “interesses partidários”; “Nós” vamos reestabelecer a ética e a moral que “Eles” desvirtuaram; e assim em diante.

A construção discursiva de “povo” pode ser notada na temática geral do pronunciamento de Bolsonaro. Para van Dijk (2017), a seleção dos tópicos (temas/assuntos) de um pronunciamento e sua respectiva esquematização (a ordem em que são organizados no ato discursivo) é uma estratégia importante na sua compreensão, pois dão o panorama geral da mensagem transmitida, sintetizando o que o discurso “quer dizer” em termos globais. Servem, portanto, para firmar uma significação de mundo a ser socialmente compartilhada para cognição dos indivíduos.

Em seu pronunciamento, Bolsonaro segue uma temática global “moralizante”, pela qual constrói a sua imagem de “povo” e, no contraponto, caracteriza seu “inimigo”. Seu ato de fala é esquematizado desta maneira: em primeiro lugar, a família é adotada como símbolo da tradição – é o “alicerce da sociedade” (linha 17), objeto maior de valor social. Logo depois, ela é colocada sob ameaça: há quatro menções à sua “destruição” ou “desconstrução” por parte de um “Outro”. O “instrumento” pelo qual este “Outro” a corrompe é sua “ideologia” – palavra sempre acompanhada de adjetivos como “nefasto”, ou associada à “perda de vidas inocentes” e à “inversão de valores”. Esta ideologia, finalmente, foi identificada como a do “socialismo” (linha 3).

Deste modo, no pronunciamento de Bolsonaro, o “Outro” é representado por esta “ideologia da destruição”, enquanto o “povo” são as “pessoas de bem” (linha 31) – expressão que, no seu pronunciamento, exclui os que se identificam com a ideologia “Deles”. Assim, se para Lula o “Nós” é construído sobretudo pela dimensão econômica (para fazer frente à “elite”), para Bolsonaro, o “Nós” é constituído por aspectos “morais e

éticos” para fazer frente às ideologias “imorais”. O “povo” está identificado com a família que sofre “ataques”, ou seja, são aqueles que não estão identificados com a “esquerda” e o “socialismo”. O “povo”, portanto, nesta lógica, foi definido em termos de uma ideologia “de direita”.

Este “Nós” construído por sentidos morais e belicistas (“homens de bem” sob “ataque” e sob “ameaça”) instaura um “Outro” mais abrangente, não necessariamente restrito à classe política. Nisto, a lexicalização (VAN DIJK, 2017) possui papel fundamental: embora “Eles” também estejam ligados a palavras comumente associadas à política (“conchavos”, “partidarizado”), a ênfase recai em adjetivos mais amplos (“desvirtuamento” dos direitos, “ideologização” da criança, “desconstrução” da família). Assim, o “inimigo” é identificado em termos não de posicionamento social (classe A ou B), mas ideológicos; não apenas os políticos, mas também o indivíduo que “desvirtua” os direitos, o professor que “ideologiza” as crianças, as pessoas que “desconstroem” a tradição familiar etc.

Os instrumentos retóricos (VAN DIJK, 2017) usados na caracterização do “Outro” visam resgatar uma histórica lógica “Nós vs Eles”, construída durante o período da Guerra Fria: a do “Capitalismo vs Comunismo”, que aqui no Brasil assumiu uma forma mais próxima de “Brasileiros vs Comunistas”. Há um aparente esforço de Bolsonaro em se aproximar do discurso militar de outrora: além da própria ênfase na família, vemos a valorização da “ordem” (linha 44), da “segurança” e das “pessoas de bem” (linha 31), em contraponto aos “bandidos” (linha 28) e à “violência” fortalecida pela “ideologia” da “esquerda” (linha 29). A tentativa de resgate da memória discursiva associada ao “perigo vermelho” é conduzida pelo uso de adjetivos historicamente associados ao “comunismo”, que englobam tanto a classe política (“corrupção”, “burocracia”, “politizada”, “fracasso econômico”) como também seus apoiadores (“imorais”, “bandidos” etc.).

Além da estruturação temática, da lexicalização e do uso da retórica, a estratégia da “autoexaltação nacionalista” (VAN DIJK, 2017) também é utilizada na construção de sentidos em torno da relação “Nós vs Eles”. Bolsonaro também filia o “Nós” ao valor patriótico, exaltando nossos “recursos minerais abundantes” e as “terras férteis abençoadas por Deus”. A oposição com o “Outro” se dá no subtexto: Bolsonaro afirma que há “uma grande nação para reconstruir” (linha 12), o que significa que um “Outro” a destruiu

anteriormente. O uso do instrumento retórico aqui (a hipérbole “destruir”) reforça o caráter de “inimigo” do “Outro”, dando força à relação de “Nós vs Eles”.

Bolsonaro utiliza a estratégia de “autoexaltação” como ideal de “sonho da vida melhor”, mas para se referir aos “brasileiros”, e não mais “trabalhadores brasileiros”, como em Lula (o termo “trabalhador”, aliás, não está presente no pronunciamento bolsonarista). Esta diferença entre os pronunciamentos reside no fato de que, em Bolsonaro, a lógica da diferença entre “Nós” e “Eles” opera em um nível “suprapolítico”, onde o termo isolado “brasileiro” reforça a abrangência do “inimigo” do povo, enquanto que, em Lula, a categorização econômica tinha particular ênfase. Deste modo, o “Outro imoral” de Bolsonaro, tal qual o “Outro elite” de Lula, reiteram a lógica populista de Laclau (2013).

### **Considerações Finais**

Os pronunciamentos analisados mobilizam conhecimentos socialmente compartilhados e “sensos comuns” – que, conforme já vimos, são formadores da cognição individual (VAN DIJK, 2017). De um lado, Lula resgata o conhecimento histórico e socialmente partilhado que afasta a “elite” da população carente, utilizando estratégias discursivas para fazer a separação entre “elite” e “povo” que moldou sua luta, seus atos políticos e definiu a produção de sentidos na relação “Nós vs Eles”. De outro, Bolsonaro, como vimos, explorou a demonização da “esquerda”, ao resgatar da memória social o “perigo vermelho”, que associava o “socialismo” à imoralidade, à vadiagem, à corrupção, à burocracia etc.

Quanto à manipulação do discurso político como um movimento para mover eleitores a tomarem decisões que não lhes favoreçam diretamente (VAN DIJK, 2017), observamos no *corpus* analisado alguns níveis de manipulação. Lula constrói a ideia de um Brasil mais “equânime” e “justo” associado ao processo de construção da democracia; mas ao enfatizar trechos como “Nós (no sentido de Eu) daremos a vida para que a gente possa fortalecer a democracia deste País” (linha 80), parece sugerir aos eleitores que o voto na sua candidatura significaria a consolidação definitiva da democracia nacional e da causa trabalhadora. Este movimento discursivo promove a confluência de demandas sociais na pessoa do Lula, o que exemplifica algum nível de manipulação.

Também Bolsonaro, ao atribuir para si a imagem de “defensor da família brasileira” contra a “ideologia da esquerda”, sugere que sua vitória representaria o fim da “esquerda” e de suas ideologias. Ao afirmar que seu governo terá “ministros técnicos e capazes para transformar nosso Brasil” (linha 17), busca marcar o afastamento da política e a despolitização do social. Deste modo, as muitas demandas sociais se equivalem na “luta contra a esquerda” e convergem para a figura individual de Bolsonaro, o que também revela níveis de manipulação, onde o significante vazio tende a cumprir uma “função totalizadora”.

Finalmente, por mais que as análises neste artigo tenham girado em torno de duas personalidades políticas, podemos afirmar que as estratégias analisadas revelam o *modus operandi* do discurso político, conforme Laclau (2013): os discursos políticos tendem a se formar na dicotomia de “Nós vs Eles”, constitutiva da lógica populista. Servem-se, assim, da função de preencher o “Eu” e o “Outro” de sentidos, construindo uma “significação de mundo” (FAIRCLOUGH, 2008), pois “o povo é sempre uma construção discursiva e, como tal, varia conforme as mais diversas experiências populistas, independentemente de critérios ideológicos” (LACLAU, 2013, p. 12).

### Referências

- ALMEIDA, Jorge. Lula, Serra e a disputa pelo discurso da “Mudança” em 2002. **ANAIS do 12º Encontro Anual da Compós**. Recife: GT Comunicação e Política, 2003. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_933.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_933.pdf)>. Acesso em: 09/04/2019.
- CAZARIN, Ana Ercília. **O silenciamento do “Eu”, de “O Lula” e do “Presidente Lula”**, 2003. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/19/12>>. Acesso em: 05 abr. 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: UnB, 2008.
- LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2017.
- \_\_\_\_\_. **What is Political Discourse Analysis?**. In: BLOMMAERT, Jan; BULCAEN, Chris (Org.). **Political Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.